

6 1996 6

A escola moderna começou por ser uma instituição burguesa e masculina e expandiu-se para outras classes sociais e para a frequência feminina.

Pode, pois, dizer-se segundo os dados deste estudo que a excelência escolar incide desigualmente sobre as classes sociais e que no interior destas produz desigualdades de percurso.

Uma dupla diferenciação da condição juvenil, a operacionalizar nestes estudo estava, assim, encontrada enunciando simultaneamente o segundo eixo orientador: *a escola foi, na sua origem, uma instituição 'dedicada' à educação/formação dos indivíduos do sexo masculino, produtora de uma desigualdade de género no acesso.*

Historicamente a instituição tradicionalmente ‘dedicada’ à educação das gerações mais novas, depois da família, foi-o de forma desigual. As raparigas entraram mais tarde na escola e em alguns momentos históricos considerou-se que a sua permanência poderia ser mais curta.

No entanto, a sua passagem pela escola foi sendo progressivamente mais intensa e mais afirmativa. Autores como Baudelot e Establet (1992) consideram que os últimos 50 anos patenteiam essa progressiva afirmação das raparigas face à instituição escolar.

Segundo eles, elas passaram não só a estar em maior número nos níveis de ensino mais altos, como também registam percursos de maior qualidade e de maior duração. Trata-se aqui, tal como é designado pelos autores, de uma maior 'energia escolar das raparigas'.

No entanto, e apesar destas constatações as raparigas continuam a estar mais presentes em áreas de estudo menos valorizadas social e economicamente, constituindo-se assim aquilo a que chamei a '*escolarização do estereótipo*'.

Escolarização do estereótipo na medida em que, no processo de escolarização se produzem percursos específicos para rapazes e para raparigas que reproduzem as imagens pré-concebidas acerca dos destinos predominantes e esperados de uns e de outras.

Por outro lado, uma vez saídas da escola, a sua inserção no mercado de trabalho é feita sobretudo em postos de trabalho social e economicamente desvalorizado.

4 – Classe social e escolarização

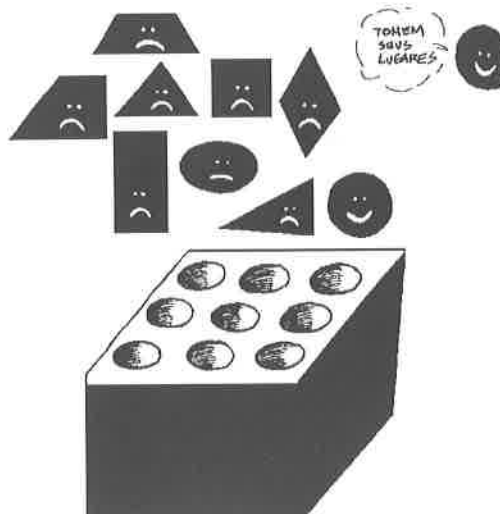
O terceiro eixo estruturante tem a ver com a segunda dimensão diferenciadora, ou seja, a classe social e enuncia-se do seguinte modo: *a escola acolhe de forma desigual os alunos saídos das diferentes classes sociais.*

Este foi, proventura, o eixo
menos problemático,

exatamente por constituir a ‘desigualdade mais estudada’. A primeira manifestação desta desigualdade verifica-se no acesso à escola. Se, como já vimos, os rapazes foram os primeiros utentes da instituição escolar, entre eles foram os mais favorecidos quem primeiro frequentou a escola.

No entanto, se abrir as portas aos que historicamente se tinham visto afastados da escola constituiu a concretização de um ideal igualitário e libertário com vista à promoção social dos mais desfavorecidos, cedo se verificou que garantir a igualdade de oportunidades de acesso não implicava garantir a igualdade de oportunidades de sucesso.

Para Pierre Bourdieu, a ‘escola libertadora’ não passa de um mito. Uma vez que, concebida segundo um modelo homogéneo dificilmente consegue contemplar a heterogeneidade existente entre os seus utentes.



in "Cuidado Escola!", 1983, p. 72

